

MEMÓRIA NA VOZ DE ADÉLIA PRADO

Autora: *Kézia DANTAS FÉLIX

Resumo

Este artigo analisa a memória nas poesias de Adélia Prado, poeta mineira, presente no livro *Bagagem* (2003) que nos introduz em suas lembranças, e parte do ponto de vista do observador-participante. A poesia de Adélia Prado é repleta de cotidiano, religiosidade e memória. Enfoca a voz feminina que retrata a vida sem dramas existenciais. Conduz a vida de modo a relatar suas lembranças detalhando a afetividade através da narração. Além de trazer o relato da memória de seus dias ela nos leva ao contato com a vida do interior de Minas Gerais. A poesia que atravessa um universo particular do recordar a vivência infantil, revelando no cotidiano uma expressão de valor distinta da atitude de desprezo de antes pela tradição literária. O objetivo desse texto é compreender a memória pela poesia adeliана. Para isso, adotamos a análise de conteúdo da referida obra.

Palavras-chave: Memória; poesia; poesia feminina; cotidiano.

Adélia Prado: vida e obra

Adélia Luzia Prado Freitas nasceu no dia 13 de dezembro de 1935 em Divinópolis, Minas Gerais. Em 1950 falece sua mãe. A partir desse momento a autora escreve seus primeiros versos. E conclui o curso ginásial.

Segundo Carlos Drummond de Andrade "Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia como faz bom tempo: esta é a lei, não dos homens, mas de Deus. Adélia é fogo, fogo de Deus em Divinópolis".

Em 1951 inicia o curso de Magistério que conclui em 1953. Começa a lecionar em 1955. Função que exerce durante 24 anos. Em 1958 casa-se com José Assunção de Freitas, dessa união nasceriam cinco filhos. Antes do nascimento da última filha, a escritora e o marido iniciam o curso de Filosofia.

No início dos anos 70, publica seus primeiros poemas em jornais de sua cidade e de Belo Horizonte. Em 1971 divide com Lázaro Barreto a autoria do livro *A Lapinha de*

*Graduada em Comunicação Social pela UEPB

Jesus. Em 1972 morre seu pai e, em 1973, forma-se em Filosofia. Então envia carta e originais de seus novos poemas ao poeta e crítico literário Affonso Romano de Sant'Anna, que os submete à apreciação de Carlos Drummond de Andrade. *Graduanda em Comunicação Social

A partir do contato que Carlos Drummond tem com seus poemas é que a autora lança seu primeiro livro, pois, Drummond sugere a Pedro Paulo Madureira, da Editora Imago, que publique o livro de Adélia.

O poeta envia os originais ao editor daquele que viria a ser *Bagagem*. No dia 09 de outubro, Drummond publica uma crônica no *Jornal do Brasil* chamando a atenção para o trabalho ainda inédito da escritora. O livro é lançado no Rio, em 1976.

No ano de 1978 Adélia lança *O coração disparado* com o qual recebe o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Em 1979 escreve a obra *Soltem os cachorros* em prosa. Com o sucesso de sua carreira de escritora vê-se obrigada a abandonar o magistério.

Sua peça, *O Clarão*, um auto de natal escrito em parceria com Lázaro Barreto, é encenada em Divinópolis. Em 1980, dirige o grupo teatral amador Cara e Coragem na montagem de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

No ano seguinte, ainda sob sua direção, o grupo encenaria *A Invasão*, de Dias Gomes. Publica *Cacos para um vitral*. Em 1981 lança *Terra de Santa Cruz*. De 1983 a 1988 exerce as funções de Chefe da Divisão Cultural da Secretaria Municipal de Educação e da Cultura de Divinópolis, a convite do prefeito Aristides Salgado dos Santos. *Os componentes da banda* é publicado em 1984.

Em 1987, o espetáculo *Dona Doida: um interlúdio*, baseado em textos de livros da autora é encenado por Fernanda Montenegro, no Teatro Delfim - Rio de Janeiro. Apresenta-se, em 1988, em Nova York, na Semana Brasileira de Poesia, evento promovido pelo Comitê Internacional pela Poesia.

É publicada *A faca no peito*. Participa na Alemanha, do Línea Colorada, um encontro entre escritores latino-americanos e alemães. Em 1991 é publicada sua *Poesia*

Reunida. Depois de *O Homem da Mão Seca*, de 1994, Adélia ficou cinco anos sem publicar um novo título, fase posteriormente explicada por ela mesma como "um período de desolação. São estados psíquicos que acontecem, trazendo o bloqueio, a aridez, o deserto".

Conta a autora que o livro foi iniciado em 1987, mas, depois de concluir o primeiro capítulo, foi acometida de uma crise de depressão, que a bloquearia literariamente por longo tempo. *Oráculos de Maio*, uma coletânea de poemas, e *Manuscritos de Felipa*, uma prosa curta, marcaram seu retorno, ou a quebra do silêncio.

Estréia, em 1996, no Teatro Sesi Minas, em Belo Horizonte, a peça *Duas horas da tarde no Brasil*, texto adaptado da obra da autora por Kalluh Araújo e pela filha de Adélia, Ana Beatriz Prado.

Participa, em maio, da série "O escritor por ele mesmo", no ISM-São Paulo. Em Belo Horizonte é apresentado, *O sempre amor*, espetáculo de dança baseado em poemas da escritora.

Em 2000, estréia o monólogo *Dona da casa*, em São Paulo, adaptação de para *Manuscritos de Felipa*. Em 2001, apresenta no Sesi Rio de Janeiro e em outras cidades, sarau onde declama poesias de seu livro *Oráculos de Maio* acompanhada por um quarteto de cordas. Em 2005 publica *Quero Minha Mãe*.

O tom feminino de Adélia Prado

A poesia de Adélia Prado é conhecida pela temática habitual de sua literatura, o cotidiano. Esse tom incomum que ela prioriza na poesia dos dias e das coisas que se repetem de modo banal. Por isso, ela não se prende a razões existenciais e a "dramas" humanos, mas recorre àquilo despercebido do nosso olhar. É um resgate à simplicidade da vida humana na atualidade.

Atribuo, ainda, um tom de inquietação do ser feminino. O ser que existe carrega bandeira como algo pesado e distante do universo da mulher. É assim que a poeta fala de sua "missão", partindo da paráfrase do "Poema de Sete Faces" de Carlos Drummond de Andrade que ela intitula "Com licença poética".

A missão que Adélia incumbe-se remete à mulher inapta que passiva e quieta resiste ao machismo. Assim situa a condição da mulher "Amélia" no mundo. Porém, o condicionamento cria brechas quando ela diz: "Mas o que sinto escrevo". O tom de expressão permitido à mulher. O sentir restringe-se aos versos cuja linguagem transmite a vivência da pessoa feminina enquanto partícipe da construção dos seus dias.

Os seus escritos trazem a experiência cotidiana da mulher instaurada, e não desta em transição juvenil, transpondo as fechaduras nas folhas brancas. Em "Mulher é desdobrável. Eu sou". Adélia reafirma a habilidade que as mulheres têm diante das diversas atividades que se impõem ao seu dia-a-dia. Como se toda mulher suprisse as carências do mundo.

O poema atinge todas as mulheres desdobráveis e submetidas à "Ordem do Pai" presente na obra de Helena Parente Cunha. Onde ela aborda a mulher reprimida à espera do homem que a conduza, enquanto Adélia enquadra-se no relato poético dos "subterfúgios que lhe cabem" de modo interdependente.

Portanto, na poesia adeliana conforma-se com a situação da mulher sem demonstrar amargura. Já na fala de Parente Cunha a voz é sufocada, do ser que se prende ao sujeito homem, portador da segurança. Instaure-se a salvação da criatura tomada de crença na nova ordem criada da junção da mulher sob a tutela de um homem.

Conceito de memória

A memória é a capacidade de reter, recuperar, armazenar e evocar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro (memória humana), seja externamente, em dispositivos artificiais (memória artificial).

A memória humana focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e deteriora-se com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas idéias, ajudando a tomar decisões diárias.

Ela se constrói ao contrário de acontecimentos que não dependem dela, ligada à expectativa de que vai se produzir ou de que deve se produzir algo de estranho ao presente. Longe se ser o relicário ou

a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita. (CERTEAU, Michel de. 1999: 162-163).

Na memória, tipo de reserva das vivências humanas de um ser humano, temos um indistinto celeiro de estórias da vida atravessada por momentos demarcando territórios (sentimentos e sensações). Agrupamos nossas lembranças em caixas entreabertas pela curiosidade sensível de tomar os acontecimentos precedentes e recentes.

As lembranças das transições experimentadas pelo ser humano impulsionam-no a trazer, desnecessariamente, situações passadas como que acordando o sentimento do instante. Na poesia de Adélia Prado chama atenção um poema-oração intitulado "Orfandade", o qual a poeta sente saudade dos seus cinco anos.

A poeta deseja sentir o abraço da mãe, anseia pela presença materna e o afeto da relação mãe/filha. Ela manifesta no resgate da infância, os momentos amorosos que conduzem à comunhão familiar, à vida simples do medo remediável. Medo de "bicho-papão" ou do imaginário infantil. O pedido da poeta adulta é o mesmo da menina que anseia por proteção e amparo.

Quando ela diz: "me cura de ser grande" como na tentativa de alcançar a leveza da vivência infantil. Por fim, chama Deus de Pai e o define como alguém próximo. Retira a figura do Deus intocável, acusador. Mas a fala traz a imagem do Deus que se deixa alcançar pela paternidade humana.

Em "Orfandade" a tônica da filha que solicita as recordações da infância é a permissão para assumir a fragilidade da maturidade. A infância transforma-se no reflexo da insegurança passageira, uma justificativa para pedir colo, procurar refúgio em Deus.

A memória sob a luz dos poemas de Adélia Prado

Resumo

No poema "Resumo", percebemos a noção da brevidade da vida da mulher Leonora. O poema autobiográfico sintetiza a estória de vida da mãe de Adélia. A mulher que gerou seus filhos e netos vai morrer. É essa a voz poética do relato da importância de alguém precioso prestes a falecer.

"Gerou filhos, os netos", sobre os filhos: amamentou e alimentou, tal mulher traz o ser afetivo e materno do cuidado e proteção. Agasalhou, envolveu, deu à vida e ensinou a viver. Sobre os netos: depois dos filhos, os netos que por consequência amou os netos como aos filhos, do mesmo modo. Tecendo relações de carinho por seus filhos e netos.

Quando se diz "deu à casa o ar de sua graça" é o desabafo da filha ao perceber que a casa está impregnada da mulher mãe/avó. A mulher Leonora cumpriu sua missão e se vai "vai morrer de câncer", doença que corrói o corpo e inquieta a família que não sabe como aliviar essa dor.

A sensação de que a enfermidade, aos poucos, suga a vida da mulher produz o tom seco e frio. Não imaginamos lágrimas e desespero por que temos a impressão de fase vencida. Agora sentimos que no poema a filha aceita a morte da mãe, por todo sofrimento experimentado por Leonora. A dor sufocada da esperança escassa.

Logo depois a poeta observa essa mulher que "pousa a cabeça para um retrato, é o da que, afinal, a aceitou ser dispensável". A mulher indispensável aceita ser descartável. Aceita sair do seu lar, do lar cujos filhos e netos criou, no lar que foi feliz, no seu lugar.

A mulher se perde da família para diminuir a dor de saber que não estará ali. A separação dolorosa ocasiona o embate, logo substituído pela resignação. "Espera, sem uivos..." enfim, ciente de que a morte está próxima não adianta lutar contra o irremediável.

Aceita a morte para não preocupar a família. Aceita o destino de todo ser vivo. A vida acaba. A memória fica. O lar impregnado da mãe resiste. Agora espera a morte. O funeral, a inscrição na lápide.

Podemos sentir que a dor da perda da mãe é grande, sem dimensão ou mensuração. A dor é reprimida como se fosse um artifício para enganar o desconsolo. A memória desse poema

é baseada na lembrança dos gestos de Leonora, no comportamento da mulher que vive seus últimos dias.

Poema esquisito

Partindo do título o "Poema esquisito", podemos encontrar uma situação em que o sentimento do eu-lírico demonstra o sentido desse esquisito como uma sensação atemporal/anacrônica.

Os primeiros versos nos conduzem a vida de alguém com 39 anos e sua dor de cabeça fora do lugar. Rara!

"Dói-me a cabeça aos trinta e nove anos.

Não é hábito. É rarissimamente que ela dói."(PRADO,2003)

Em tais versos temos a noção temporal e a situação em que a poeta se encontra. A introdução à história, a descrição breve do ambiente psicológico desta mulher. O que se segue é a narração da mulher contando as lembranças de seus pais. O relato sem adjetivação ou superlativos da saudade de estar sob seus olhos, sob o abrigo e apoio de seus pais.

A autora fala da saudade de modo distinto do convencional. Não apela. Por isso, ela utiliza a narração para relatar e não revelar. A poesia narrativa fala das atitudes. O comportamento traduz o ambiente emocional da pessoa em questão.

É assim que a poeta prossegue na ânsia de ter seus pais e indaga "Onde estão escondidos?", a perplexidade diante da ausência deles. O amor filial grita por uma satisfação à saudade. Diante de tal pergunta a poeta responde que seus pais não morreram, pois continuam ali dentro dela.

O "Poema esquisito" é uma seqüência que pode ser dividido em cinco partes. A primeira é a circunstância para o início do relato. A segunda parte remete à filha órfã e desamparada. Na terceira parte a poeta indaga sobre a falta dos pais, mas sabe que eles resistem em sua

lembrança. A quarta parte, composta de oito versos, ela descreve o lugar onde os corpos de seus pais estão. A quinta parte corresponde aos versos restantes onde ela chama pelos pais em um desespero contido e simula o diálogo com eles.

Por fim, podemos sintetizar tal poema em: saudade, morte, lembrança, contestação e resignação.

1-Saudade dos pais,morte e lembrança dos pais, seu apoio e amparo;

2-Contestação pela ausência dos pais;

3-Resignação: conforma-se com as lembranças que aparecem constantemente.

Clareira

A temática desse poema é o resgate das relações sociais amigáveis, diante do comportamento social que tem barreiras .

"Seria tão bom, como já foi,

as comadres se visitarem nos domingos".(PRADO,2003)

As visitas cordiais, as amizades, as conversas, o clima de cidade interiorana e acolhedora. A relação que Adélia nos fala nesse poema remte ao tempo em que a vida acontecia seguindo um ritmo agradável e não agressivo. Diante da vida mudando seu compasso a poeta pergunta: "Houve esta vida ou inventei?"

A pergunta reflete a perplexidade de alguém que viveu em um tempo diferente deste. Fala da metafísica como o pretexto para a conversa frouxa sem esquecer de sua religiosidade:

"as santas missões vêm aí,vigiai e orai

que a vida é breve."(PRADO,2003)

A passagem bíblica "vigiai e orai" é completada pelo que "a vida é breve". A vida passa rápido por isso em tom de ordem ela diz: vigie e ore!

Endecha das três irmãs

A endecha é uma "composição de tom melancólico e triste em versos de cinco ou seis sílabas geralmente agrupados em quadras segundo os esquemas rimáticos ABCB, ABAB ou ABBA. 1" Nesta endecha Adélia Prado conta a história de três irmãs desconsoladas que conversam sobre suas vidas. Por isso, segredam sua tristeza, o seu choro de desamparo. Órfãs persiste nelas o sentimento de solidão e angústia.

Os primeiros versos definem o caminho escolhido por cada irmã:

"As três irmãs conversavam em binário lentíssimo.

*A mais nova disse: tenho um abafamento aqui,
e pôs a mão no peito.*

A do meio disse: sei fazer umas rosquinhas.

A mais velha disse: faço quarenta anos, já". (PRADO, 2003)

É uma história de três mulheres chorando em seus refúgios por desconhecerem seu futuro. O tempo é ressaltado pela limitação dessas mulheres que são chamadas pela posição sequencial de seus nascimentos. Cada uma comporta um sentimento próprio e distinto das demais irmãs.

A mais nova é a sensível, a do meio é a resignada e a mais velha é a mulher machucada pelo tempo. Não sabemos a condição social em que estão inseridas, o que fazem e suas respectivas funções sociais e até sua posição valorativa na família, mas sabemos o que sentem. Não há menção a presença masculina nessa história exclusivamente feminina.

O relato é restrito ao mundo particular e melancólico das três irmãs perdidas. A fala das três irmãs é pontuada pela personalidade que conduz a poeta a denominá-las segundo a fala delas, mas não as adjetiva. Porém, a mais velha leva o nome de cruel.

*"Nosso pai morreu, diz a primeira,
nossa mãe morreu, diz a segunda,
somos três órfãs, diz a terceira."(PRADO,2003)*

Podemos supor que a seqüência de declarações condiz com a ordem de nascimento das irmãs. A mais nova apela ao pai, a segunda relembra a mãe e a mais velha enfatiza a orfandade, o total desamparo.

Logo, o choro as invade o que as condiciona à procura do abrigo que segreda as lágrimas das três irmãs e a chuva sufoca o barulho que produzem em sua dor e lamento. Cada mulher sabe do sofrimento da irmã, mas não compartilham e sofrem sós.

Conclusão

Nos poemas selecionados vemos como a poeta coloca em suas poesias fragmentos de sua memória familiar. A memória adeliana circunda as lembranças da casa paterna, da convivência no interior, do amor externado nas falas dos pais em "Poema esquisito".

Contém traços da mulher observando seu espaço, não estática, mas interagindo com os seus. Assim oferece a idéia de agilidade.

O resgate das lembranças que não são pontuadas pela idade da autora, mas pelo valor que destina a cada momento lembrado. As memórias seguidas de realidade e relação com a vida contemporânea no universo poético de Adélia Prado.

As colocações dos sentimentos em situação de segundo plano. A voz da poeta nos revela o acontecimento nos tornando observadores do que ela conta. A poesia adeliana fala da memória de uma mulher "desdobrável". Adélia conduz a família ao patamar de ambiente cordial e de seu valor inestimável.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1-Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERNANDO, Franceschi Antonio. Cadernos de Literatura Brasileira - Adélia Prado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2000.

MASCARANHAS, Isabel de Franco. s.v. "Verbete", E-Dicionário de Termos Literários, coord. de Carlos Ceia, disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/edtl>, acesso em 18 de junho de 2008.

PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2003.